



ESTUDOS DA CONTEMPORANEIDADE: SOBRE OUVINTISMO / AUDISMO

Francielle Cantarelli Martins – PPGE/UFPel

Madalena Klein – PPGE/UFPel

CAPES

Resumo: O presente artigo pretende desenvolver uma discussão no campo conceitual, tomando os termos ouvintismo / audismo como ferramentas analíticas para entender a história dos movimentos surdos e que vêm determinando formas de ser e estar no mundo para os surdos e definindo práticas institucionais que visam o atendimento desses sujeitos nas políticas educacionais. A partir de uma pesquisa bibliográfica, nos aproximamos de autores do campo dos Estudos Surdos, procurando articular sua discussão acerca dos conceitos aqui abordados aos conceitos de saber-poder e resistência enunciados por Foucault.

Palavras chave: ouvintismo / audismo – relações de poder – surdos – educação de surdos

Introduzindo a discussão

Este trabalho focaliza os termos ouvintismo / audismo, relacionando-os aos sujeitos surdos. Parte de uma pesquisa bibliográfica que visa entender a emergência e os efeitos desses termos na vida dos sujeitos surdos e nas práticas a eles direcionadas.

Os surdos têm a experiência de viver em dois mundos, ou seja, o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes (famílias, sociedade em geral). Os encontros naquele que nomeamos de mundo dos surdos são importantes, porque é como eles renascem com as informações, nos encontros com surdos. Nesses encontros os surdos se sentem semelhantes no jeito de ser, nos problemas, nas frustrações, nas angústias, entre outros sentimentos. De fato, são semelhantes, partilham experiências que permeiam a língua de sinais, as identidades e cultura. Perlin (1998, p. 54) comenta sobre a importância do encontro entre surdos: “[...] aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificava eles, identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual”.

Dentre os assuntos que permeiam os encontros surdos, está o tema do ouvintismo, o controle da sociedade, o que os ouvintes visam sobre a surdez, a falta de acessibilidade, o conviver com colegas que não sabem Libras, a falta de intérpretes em diferentes situações do cotidiano, as barreiras na comunicação com as famílias ouvintes, entre outras temáticas.

Os surdos, quando iniciam a convivência com outros surdos, participam desses desabafos. Porém, por muito tempo, não havia o entendimento de que alguns fatos fazem

parte do que é hoje denominado ouvintismo. Havia, apenas, uma frase que era comentada entre a comunidade surda: “*Ouvintismo é como ouvintes dominam surdos, surdos precisam copiar a identidade ouvinte*”, mas não se tinha uma analítica sobre essa experiência. Pretendemos, a seguir, uma aproximação a essa discussão.

A emergência dos termos e seus significados

Bauman; Bahan e Montenegro (2008, 00:06:14)¹ argumentam que em épocas passadas não havia discussões sobre o termo audismo: “Todo el tiempo había esta forma de opresión sin una palabra que la describiera. Ahora, con un nombre, ya tenemos una herramienta para mostrar claramente varios actos de opresión.”²

No Brasil, quando esse termo começou a ser utilizado em pesquisas por um grupo de mestrands e doutorandos da UFRGS³, como era apenas o início de investigações sobre temáticas da comunidade e cultura surdas, não havia um sinal oficial em Libras, apenas algo usado como provisório.

Desde então, muitas coisas mudaram na educação dos surdos em função das lutas do povo surdo. Empunharam-se lutas e movimentos intensos em favor de seus direitos, do uso de sua língua, das escolas bilíngues para surdos, da oficialização da Libras, da conquista do Dia do Surdo, da importância da acessibilidade, entre outros. Em um curto espaço de tempo encontramos professores surdos trabalhando nas universidades públicas e privadas, o trabalho dos surdos em empresas em geral, as pessoas surdas participando de seminários com intérpretes, bem como a abertura das instituições para a presença do profissional intérprete de Libras. Não podemos deixar de citar a oficialização da Libras, por muitos anos a principal bandeira de reivindicação da comunidade surda, e com certeza, a propulsora de tantos desses

¹ A obra mencionada de Bauman, Bahan e Montenegro está em formato DVD. Por isso, as referências utilizadas neste trabalho não se referem a páginas, mas a tempo de filmagem.

² O vídeo é produzido em ASL, porém as citações utilizadas neste artigo foram retiradas da legenda em espanhol disponível no DVD.

³ Na Universidade Federal de Rio Grande do Sul – UFRGS foi criado o NUPPES – Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais de Surdos, quando haviam mestrands e doutorandos surdos e ouvintes interessados em discutir várias temáticas, principalmente ligadas à melhoria e atendimento das necessidades dos surdos. Nesse grupo, orientado pelo prof. Carlos Skliar, foram aprofundados temas relacionados a história da educação e dos movimentos surdos, havendo uma aproximação a produção dos Estudos Surdos em outros países como Estados Unidos e Inglaterra. Nestes países iniciava-se o uso do termo *audism*, traduzido, inicialmente em publicações em Portugal como audismo. Mas, nas traduções e usos efetuados pelo NUPPES, o termo foi traduzido como ouvintismo. Atualmente há uma discussão em relação a adequação dos termos, porém não é o foco deste artigo se deter nestas questões de adequação de tradução. Importa que o termo ouvintismo ganhou repercussão desde final da década de 90, século XX, mantendo-se presente em diferentes publicações.

avanços aqui anunciados. Como se percebe, muitas coisas aconteceram em pouco tempo, porém, até agora, continuam acontecendo situações conflitantes em função da visão dos ouvintes em relação aos surdos.

Consideramos a discussão sobre ouvintismo / audismo importantes, uma vez que as representações sobre os surdos, ainda têm referências ouvintes, quer dizer, a busca pela normalização dos surdos. Cabe aqui ressaltar que o termo “ouvintismo” baseia-se na idéia de “colonialismo”, uma relação de poder desigual entre dois ou mais grupos na qual “um não só controla e domina o outro, como ainda tenta impor sua ordem cultural ao(s) grupo(s) dominado(s)” (Mery, 1991, apud Wrigley, 1996, p. 72).

Relativo aos processos de normalização dos surdos, Patrícia Luiza Ferreira Rezende (2010) conclui sua tese sobre implante coclear em crianças surdas, percebendo que esse processo está fora de controle, tudo em função do desejo de normalização, do desejo de correção das crianças surdas. O mesmo acontece com adultos surdos, uma vez que a sociedade os enxerga como anormais, necessitando engessá-los dentro da norma.

Acredito que, dessa forma, a norma padrão ouvinte seja uma verdade legitimada sobre os sujeitos surdos, constituindo-os como corpos a corrigir e modelando-os para a normalização. Os surdos ficam aos caprichos da norma, e entram em cena as estratégias do corpo a corrigir, a ser normalizado, fora dos padrões normalizadores. São “entornados” neste sujeito a ser corrigido: a família, a escola, as clínicas e as instituições hospitalares. (REZENDE, 2010, p. 87)

O termo *audism* (em inglês) foi criado pelo professor americano Tom L. Humphries, na Universidade Gallaudet. Segundo Harlan Lane (1992, p. 52) “Seria oportuno ter um nome que traduzisse o esforço dos ouvintes que apregoam estar ao serviço dos surdos; pedindo emprestado um termo do educador e autor americano surdo Tom Humphries, denominá-lo-ei “audismo”.

Humphries refletiu sobre o controle ouvinte e também sobre as maiorias e minorias, o preconceito, entre outros. Ele organizou um encontro de professores e sujeitos surdos na Universidade Gallaudet com o intuito de discutir sobre um novo conceito, pois, esses sujeitos e professores sempre relatavam sobre fatos de seu passado, sobre a dominação ouvinte, a falta de comunicação na família, a incapacidade dos surdos, o rótulo clínico de deficiência, entre outros. Apesar das discussões, não haviam definido um termo específico, até que surgiu “*audism*”⁴, pois apresentava ligação com outros conceitos, como “racism”, “sexism”, que também designavam grupos minoritários, que sofriam preconceito na sociedade, da mesma forma que os sujeitos surdos. Bahan; Bauman e Montenegro (2008, 00:04:06) nos explicam as condições da emergência desse termo: “Si me hubieran dicho que había un problema porque

⁴ Em inglês

era negra, habría dicho: ‘Eso es racismo’; por ser mujer, habría dicho: ‘Eso es sexismo’, pero por ser sorda ¿Cómo le llamas a eso?

Esses termos são designados para outros grupos, outras minorias. Daí a necessidade de um termo que se referisse à comunidade surda, ao preconceito que esse grupo sofre. Portanto Humphries discutiu essas questões com o grupo e aprofundou em sua tese, em 1975, conforme nos apresentam BAHAN; BAUMAN e MONTENEGRO (2008, 00:04:21):

No fue hasta 1975 que un estudioso llamado Tom Humphries sintió que era hora de hallar un nombre para este tipo de opresión. Juntó a un grupo de individuos sordos para que le dieran nombre a esa opresión. Tom le pidió a varios líderes y profesionales que se reunieran y discutieran este nuevo término: “audismo”. Nunca antes había oído ese término. Me uní al grupo u nos reuníamos cada semana o cada mes en distintos lugares para hablar sobre audismo. En ese entonces, no creía realmente que la gente sorda fuera oprimida. Simplemente lo acepté y pensé que así era el mundo mientras crecía. Imagínense que a los 40 años por fin me di cuenta de que me habían oprimido toda la vida. Fue entonces que por fin desperté.

Porém, o termo ficou sem ser utilizado até Harlan Lane reavivá-lo, quinze anos depois. Apesar de ainda não constar nos dicionários regulares do inglês, sua utilização é cada vez mais necessária. Humphries originalmente aplicou o termo *audism* a atitudes e práticas individuais, mas Lane e outros têm ampliado para atitudes institucionais e de grupo, bem como práticas de opressão das pessoas surdas.

O psicólogo Harlan Lane ampliou o conceito “audism” quando concluiu seu mestrado e doutorado em psicologia na Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Sua pesquisa era sobre a cultura surda. Em 1992 publicou o livro *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Segundo Lane (1992, p. 52), “Audismo é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda”.

Em 2008, Benjamin Bahan, H-Dirksen Bauman e Facundo Montenegro se uniram para divulgar esse termo através da Língua de Sinais Americana e publicaram um DVD intitulado *Audism Unveiled* (Audismo revelado). Esses autores se uniram com alunos surdos na Universidade Gallaudet para estudar sobre a introdução do mesmo na cultura surda, pois, esse termo não é encontrado em qualquer livro em Língua de Sinais. O referido DVD ajudou a aprofundar o audismo, pois muitos surdos contaram e vivenciaram suas experiências na vida, suas teorias, e diversas cenas adicionais.

No Brasil, utilizamos o termo ouvintismo, mas com significado próximo ao de audismo. Como já referido anteriormente, o termo passou a ser utilizado a partir da tradução feita por Carlos Bernardo Skliar em 1998m quando organizou e publicou o livro *A Surdez: um*

olhar sobre as diferenças. Através de publicações como essa e outras, o autor discutiu sobre ouvintismo:

O ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 1998, p. 15)

Gládis Perlin (1998) também utilizou em sua pesquisa o termo ouvintismo. Ela argumenta que esse termo mostra as relações de poder, de dominação, da visão de deficiência, de normalização, entre outros.

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. (PERLIN, 1998, p. 58)

Diante disso, temos uma norma da soberania ouvinte, imposta e legislada para o controle da comunidade surda. Foucault (2006) disse que o desenvolvimento do biopoder ocorre devido à atuação da norma. O biopoder se preocupa com a vida, em diminuir os desvios da normalidade. Por isso, a sociedade se preocupa com a norma, não com a diferença. O objeto da sociedade tem suas oposições binárias: normal/anormal, ouvinte/surdo. “Normalidade que inventa a si mesma para logo massacrar, encarcerar e domesticar todo o outro” (SKLIAR, 2003, p.153).

Percebe-se que há diferentes possibilidades de entender os termos audismo / ouvintismo a partir das experiências particulares dos surdos, mas que são compartilhadas entre os mesmos. O interesse nessas diferentes perspectivas e possibilidades de narrar experiências surdas no contexto das relações de poder motivam o presente artigo.

Percebe-se que não existe um conceito original, mas, diferentes possibilidades e formas de descrever práticas nomeadas como de ouvintismo / audismo. Os autores até aqui apresentados nos ajudam nessas problematizações, mas consideramos que ainda faltam aprofundamentos nas pesquisas nessa área no Brasil.

Os termos, seus significados, seus efeitos

Bahan; Bauman e Montenegro (2008, 00:05:43) pesquisaram sobre audismo e concluíram: “¿Qué es el audismo? Es la noción de que uno es superior basándose en su capacidad de oír o de comportarse como uno que oye.” Esse termo aparece no dicionário da seguinte forma: “Audismo: 1. Noción de que uno se superior basándose en su capacidad de oír o de comportarse como uno que habla y oye. 2. Un sistema ventajoso basado en la capacidad de oír” (Idem, 00:06:03).

Ouvintismo / audismo é uma representação do ouvinte, quer dizer, os ouvintes se posicionam como superiores aos surdos. Segundo Humphries (1977, p. 12) “A noção de que um é superior, baseado em sua habilidade de ouvir ou se comportar da maneira de quem ouve”.⁵ Esse termo mostra a política dos ouvintes sobre os surdos. Ao relembrarmos da história dos surdos, temos registros de que os surdos constituíam-se como um grupo que construía sua língua, identidade e cultura. No congresso de Milão, em 1880, uma conferência internacional de educadores de surdos, declarou-se que a educação oralista era superior à baseada na língua de sinais e aprovou uma resolução proibindo o uso da língua de sinais nas escolas de surdos. Desde essa proibição, as escolas em todos os países mudaram para a utilização da metodologia oralista. Muitos profissionais controlaram a vida dos surdos, tentaram normalizar esses sujeitos.

Contudo, Skliar (1998, p. 17) atentou sobre as reações ao ouvintismo:

Vale lembrar que o ouvintismo gera diferentes interpretações, entre as quais surgem algumas formas de resistência a esse poder. O surgimento das associações de surdos enquanto territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência, os matrimônios endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor do surdo, etc, constituem apenas alguns dos muitos exemplos que denotam uma outra interpretação sobre a ideologia dominante.

Os surdos se desenvolvem a partir da sua própria comunicação, quer dizer, da língua de sinais. A partir da referência à norma, ao normal, uma maioria ouvinte não concorda com essa situação, mobilizados pela lógica da normalização, que nega aos surdos a diferença

Alguns ouvintes podem ficar ofendidos com a afirmação de que contribuem para ouvintizar o surdo, ou que se fale do vício de referir-se ao surdo como portador de anomalias e se reportem à exibição da experiência auditiva como superior em frente ao surdo. Na verdade, esse comportamento da maioria ouvinte somente admite ambientes ouvintes com autoridades e regras

⁵ No original: *The notion that one is superior based on one's ability to hear or behave in the manner of one who hears* (HUMPHRIES, 1997, p. 12). Tradução para este artigo.

sociais. A tendência em impor representações de identidade, ou em construir identidades purificadas para se restaurar a coesão continua sobre o surdo. A afirmativa se baseia no fato de constatar-se uma diferença cultural no meio social ouvinte e surdo. (PERLIN, 1998, p. 58)

Harlan Lane mostrou que o mundo dos ouvintes não compreende a estrutura dos surdos, sua cultura, sua identidade:

O paternalismo dos ouvintes começa com uma percepção deformada porque sobrepõe a sua imagem de um mundo conhecido dos ouvintes ao mundo desconhecido dos surdos: igual modo, o paternalismo dos ouvintes encara a sua tarefa como de <<civilizar>>: devolver os surdos à sociedade. E o paternalismo dos ouvintes não consegue entender a estrutura e os valores da sociedade surda. (LANE, 1992, p. 48)

Ao longo dos anos, os surdos lutaram grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, da comunidade surda, da sua língua, da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje. Os surdos nascem na sociedade, lugar esse onde estão expostos às condutas, às regras morais e científicas imbricadas em jogos de poder e saber que determinam formas de pensar e se narrar e que interferem nas condições de se pensar diferente.

Com toda ideologia dominante, o ouvintismo gerou os efeitos que desejava, pois contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área da saúde, dos pais e familiares dos surdos, dos professores e, inclusive, daqueles próprios surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia – o surdo que fala, o surdo que escuta. (SKLIAR, 1998, p. 17)

Enquanto ideologia dominante, o oralismo, na descrição de Skliar, significa que:

O oralismo foi e segue sendo hoje, em boa parte do mundo, uma ideologia dominante dentro da educação do surdo. A concepção do sujeito surdo ali presente refere exclusivamente uma dimensão clínica - a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos - em uma perspectiva terapêutica. A conjunção de ideias clínicas e terapêuticas levou em primeiro lugar a uma transformação histórica do espaço escolar e de suas discussões e enunciados em contextos médico-hospitalares para surdos. (SKLIAR, 1998, p. 15)

O termo ouvintismo não significa só obrigar a copiar a identidade ouvinte, com o intuito de homogeneidade na sociedade, mas existem outras interpretações, dependendo do contexto e da pesquisa. Independente disso, ouvintismo tem a ideia de ser o ouvinte superior ao surdo, da identidade ouvinte ser superior à identidade surda.

A construção ouvintista nunca está longe daquilo que a ideia de ouvinte significa: uma noção que identifica a “nós ouvintes” em contraste com “aqueles surdos”. O principal componente é o que torna a cultura ouvinte –

etnocentrismo – como hegemônica, uma ideia da identidade ouvinte como superior a tudo que se refere aos surdos. (PERLIN, 1998, p. 59)

Ao longo do tempo, surdos resistem a essas formas de opressão, principalmente na área profissional: eles resistem em seus locais, mostrando quem são, que existem. Quando se sentem oprimidos, os surdos resistem, não aceitam facilmente a situação. Muitos surdos se sentem influenciados pela história da própria comunidade, bem como através dos contatos, da troca de ideias, dos conhecimentos compartilhados. Todo esse apoio auxilia na resistência. Os surdos não vêem a surdez como problema, pois se sentem culturalmente assim e reafirmam que têm sua língua, cultura, identidade.

Harlan Lane (1992, p. 212) escreveu: “No século passado, as pessoas culturalmente surdas pensavam que a surdez era um caminho perfeito para ser, tão bom ou talvez até melhor do que os ouvintes.” Esse é o relato de muitos surdos que afirma não se sentirem estranhos em meio aos outros surdos. E, se perguntam: se os surdos não interferem no mundo ouvinte, por que os ouvintes sentem a necessidade de curar a surdez? Qual a diferença na lógica do “nós” e “eles”? Patrícia Luíza Ferreira Rezende, surda, doutora em educação, já citada anteriormente, referiu-se as relações de poder da medicina e crianças com implante coclear. Ela esclareceu sobre o controle de seus corpos:

Neste processo de invenções sobre a surdez e o ser surdo, há lutas, embates e resistências numa relação de poder e saber. Nesses espaços e territórios, vivem os sujeitos que falam sobre a surdez e os sujeitos que resistem ao controle de seus corpos nos discursos enunciados na normalização surda. Há uma luta pela inversão da epistemologia, outros dizeres, outros discursos, outros saberes. (Rezende, 2010, p. 56)

Nessa mesma direção, Bauman; Bahan e Montenegro (2008) argumentam que a sociedade, por muito tempo viu os surdos como inferiores, incompletos; mas os surdos, não se percebiam dessa forma:

La sociedad, por mucho tiempo, ha considerado a los sordos como gente inferior. ¿Pero las personas sordas han sido víctimas pasivas frente a la opresión? ¡No, definitivamente! Por cada acto de opresión contra gente sorda ha habido una reacción igualmente desafiante. (41:31:00)

Interessante aqui se referir ao conceito de resistência. Como “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica [...] uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 1995, p. 248), as lutas surdas emergem com as práticas de opressão institucional, quando profissionais de diferentes áreas do saber investem em tentativas de mudança na vida dos surdos, recusando sua cultura, identidade, língua entre outros. Desde então, os surdos resistem. Como já mencionado, o Congresso de

Milão proibiu a utilizar língua de sinais, contudo os surdos resistiram e continuaram a utilizar os sinais em escondidos; sofriam, mas não desistiam de lutar pelos seus direitos. Gládis Perlin (2003, p. 104) argumenta sobre a resistência surda: “o surdo na experiência do ser surdo se sente o outro e as resistências, devido à imposição da experiência ouvinte quando não são acompanhadas de silêncio, são resistências povoadas de significados”.

As resistências surdas são constituídas para mudar as práticas, os saberes e as relações de poder dos ouvintes representados pelos especialistas de diversas áreas, pois eles buscam o controle do corpo surdo. Rezende (2010, p. 80) ressalta “que são essas as resistências que contestam e rebatem as tentativas de normalização e a estratégia de controlar e tornar o corpo surdo dócil, ouvinte e falante.” Isto é relação de poder, que em Foucault (2010, p. 278) nos auxiliar a pensar as relações entre poder e sujeito:

Essa forma de poder aplica-se à vida cotidiano imediata, que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm de reconhecer neles. É uma forma de poder que faz os indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito ao outro através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito.

Os sujeitos surdos dependem da sociedade e a sociedade controla e constrói identidades ouvintes, como ouvintistas. Apesar do desejo de uma normativa ouvinte em controlar os surdos, estes resistem, constroem suas identidades surdas, sua cultura e utilizam uma língua compartilhada denominada com orgulho de “nossa língua”.

[...] os líderes surdos têm resistido ao modelo a-linguístico e a-cultural da sua cultura minoritária bem como aos métodos ouvintes para estudar os surdos que a originaram; sendo esses métodos não apenas os delírios ignorantes de pessoas perigosamente poderosas mas também o suporte intelectual da intervenção dos ouvintes quando impõem à força o isolamento educativo, quando se institucionalizam, quando exercem a cirurgia auditiva, e em todas as formas que a imposição audista assume. (LANE, 1992, p. 53)

Resistências surdas surgem pelas experiências dos sujeitos surdos e ouvintes. É importante conhecer e entender as histórias de sujeitos surdos e suas resistências. Para tanto, buscamos as referências de Quadros e Perlin (2003, p. 5):

Geralmente, admitir isto é discutir nossa própria experiência como surdos. Tem a ver com o pessoal, com a individualidade ou a experiência de quem vai assumir/assumiu o ser o outro surdo, mas não se diz nada sobre a

experiência de quem é surdo nesse tempo dessa formação. Manifesta-se na formatação do programa vir a ser surdo. É a nossa experiência, a que vai aí dentro do programa do vir a ser surdo proposto pelo povo surdo que tem outra cara. É uma experiência criticada, justamente porque faz parte do conteúdo desse programa que a gente está vivendo e o ouvinte não admite. Retomamos então o problema do ouvintismo: a “experiência ouvinte é a única que vale”. Mas digamos que o problema da experiência do ser surdo é essa experiência: a experiência do ouvinte. A experiência vivida pensada pelo próprio surdo é maior, ela refere a respeito da experiência dos outros surdos que tem a ver com essa responsabilidade ética de um povo que a gente tem, que une com o outro.

Foucault (2010, p. 276) fala sobre poder e resistência, o que nos ajuda a articular com o poder de ouvintes sobre surdos: “[...] oposição ao poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, da psiquiatria sobre o doente mental, da medicina sobre população, da administração sobre o modo de vida das pessoas”.

No caso da surdez, a área clínica/médica busca a cura e normalização. Essa área desconhece ou não compreende a comunidade, o lado humano, a cultura, a identidade, a língua. Contudo, não há o que curar, nem como controlar o corpo dos surdos. Mas como eles podem mostrar isto? Como profissionais de saúde podem mudar a sua visão?

Existem muitas disputas entre os surdos em relação ao poder e saber, pois em muitos espaços discutem sobre a surdez, sobre sua resistência ao controle de seus corpos. Mas a resistência surda é uma forma de apoio ao movimento surdo.

Nas relações de poder Foucault (2010, p. 278) esclarece que há lutas antiautoritárias, entre várias outras lutas que ele definiu.

Existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação, contra formas de exploração, que separam os indivíduos daquilo que produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete.

Entendemos que as lutas contra o audismo / ouvintismo se caracterizam como lutas contra a dominação. Na atualidade os surdos resistem à dominação ouvinte, ao audismo / ouvintismo. Eles lutam contra as instituições e a sociedade, no qual o desejo é de dominação da comunidade surda, sem um questionamento do que os surdos realmente precisam e desejam. Ao contrário disso, os ouvintes exploram a comunidade surda e invadem o espaço dos surdos, com o intuito de mudar as suas decisões e identidades. Até hoje os surdos resistem e compreendem a existência de suas identidades e culturas.

Klein (1999) escreve sobre as resistências da comunidade surda ao ouvintismo. Ela argumenta que os surdos participam das lutas, movimentos a favor de língua de sinais e

matrimônios surdos e criação associações dos surdos. Até hoje, sujeitos surdos lutam para conquistar os seus direitos.

Quadros e Perlin (2003) comentam sobre uma palestra de Skliar, em que o autor esclarece que há duas experiências: a experiência vivida e a experiência pensada. Experiência vivida mostra que sujeitos surdos convivem cotidianamente na sociedade, seja no trabalho, na escola, entre outros. A experiência pensada por líderes e militantes surdos discutem e refletem como são suas realidades. É importante entender que sujeitos surdos enfrentam muitas barreiras nas suas histórias. Por isso, essas experiências se tornam discussões que afetam e pretendem alterar a visão dos ouvintes: as experiências compartilhadas entre os surdos são importantes, marcantes em suas histórias, e impulsionadoras de transformações.

Pode-se dizer que a experiência vivida é maior do que a experiência pensada, pois, a maioria dos surdos convive na sociedade, enfrentam as muitas barreiras, vivem sem comunicação, sem contato com outros surdos. A experiência pensada está iniciando agora com os líderes e militantes com o intuito de alterar a visão dos ouvintes e dos surdos, acabar com essas barreiras. Quadros e Perlin salientam que há ouvintes com experiências na comunidade surda, mas, para sujeitos surdos é diferente, pois têm sua história desde o nascimento, convivem com as barreiras. Muitos ouvintes só chegam para declarar as suas decisões.

Ao se mencionar o ouvintismo como problema, estamos chamando a atenção para todas as experiências vividas e pensadas com os ouvintes, mesmo quando os surdos foram excluídos da tomada de decisões. Os ouvintes exterminadores são os que tentam acabar com a língua de sinais e com todos os tipos de manifestações culturais advindas dos grupos surdos. Ao longo da história, sempre tivemos tais experiências (os movimentos pelo oralismo; os programas de educação com base na língua falada; os avanços da medicina, tais como os atuais implantes cocleares). Há também outras experiências vividas e pensadas pelos ouvintes no convívio com os surdos, os ouvintes que se engajam nos movimentos políticos surdos. (Quadros; Perlin, 2003, p. 6)

Harlan Lane apresenta o relato de sujeitos surdos contando suas histórias, suas experiências, suas resistências no mundo dos ouvintes. “Há muito que os surdos fazem relatos da sua linguagem e cultura, um relato deles próprios, radicalmente oposto às representações apresentadas pelos ouvintes” (LANE, 1992, p. 51). Nos Estados Unidos, sujeitos surdos relatam as suas histórias para as revistas e jornais, como *The Deaf American*. Eles mostram sua revolta contra as injustiças que lhe são cometidas pelo mundo ouvinte. Também encontramos narrativas acerca de resistências surdas em Thoma e Klein (2010), quando

professores surdos compartilham de suas experiências frente às práticas ouvintistas em seus processos educativos.

Audismo / ouvintismo pode ainda ser relacionado ao termo Etnocentrismo. Para isso, nos aproximamos de Everardo Rocha (1999, p. 1):

Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Rocha (1999, p. 1) também comenta: “O etnocentrismo é uma visão do mundo em que o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo.” Partindo desse conceito, podemos argumentar que no contexto da história dos surdos, presenciamos a uma “etnocêntrica ouvintista” (PERLIN; STROBEL, 2006, p. 7), ou etnocêntrica audista.

Sobre isso, podemos abordar duas ideias: a primeira trata de sujeitos ouvintes que não aceitam os sujeitos surdos e sua diferença cultural, mas acreditam que eles precisam ser moldados de acordo com o modelo ouvinte. Ou seja, os surdos precisam imitar os ouvintes falando e corrigindo sua falta de audição através do uso de tecnologias de amplificação. Skliar (1997, p.11) chama a atenção à representação sobre as pessoas incompletas a que faz parte de uma perspectiva etnocêntrica:

Fica claro que a pretensão de definir os sujeitos com alguma deficiência como pessoas incompletas faz parte de uma concepção etnocêntrica do homem e da humanidade. O etnocentrismo – junto a um de seus derivados mais perigosos na educação especial: o paternalismo – é um reflexo da intolerância e do racismo [...].

A relação do audismo com o etnocentrismo nos ajuda a entender a etnocêntrica audista. Um exemplo disso foi o que aconteceu no Congresso de Milão. Em diferentes pesquisas esse momento sempre é pontuado, pois foi a marca de sofrimento para os surdos. Anterior ao Congresso aconteceram outros fatos que simplesmente desapareceram devido a falta de registros mais específicos e pela força e repercussão deste evento - até hoje este congresso é lembrado como marco de dor.

A segunda ideia diz respeito aos surdos que utilizam Libras e convivem na comunidade surda. Eles não aceitam os sujeitos que não convivem na comunidade surda, ou que não sabem se comunicar através da Libras. Essa negação acontece, principalmente, com surdos oralizados ou com implante coclear. Isso também acontece entre surdos sinalizadores e pessoas ouvintes que apresentam dificuldades para se comunicar com eles. Essa negação de surdos sinalizadores se deve muito ao fato dessa marca na história do povo surdo estar muito

presente em suas memórias.

Everardo Rocha (1999) ainda se refere que o etnocentrismo pode acontecer com pessoas que possuam as mesmas experiências, que compartilham das mesmas referências identitárias, que frequentam o mesmo grupo, convivem no mesmo mundo, mas que enfrentam um choque cultural.

Como uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica temos a experiência de um choque cultural. De um lado, conhecemos um grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, casa igual, mora no mesmo estilo, distribui o poder da mesma forma empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí então de repente, nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe. (ROCHA, 1999, p. 1)

O que o autor relata assemelha-se à situação de muitos surdos, pois fazem parte de um grupo que compartilham de referenciais culturais, convivem na comunidade surda, mas, muitas vezes, enfrentam um choque cultural. Esse choque acontece em virtude das diferenças que existem entre os próprios surdos. Cada surdo passa por um processo distinto, pois alguns são sinalizadores, outros oralizam, outros fazem o implante coclear. Todos são surdos, possuem histórias semelhantes, mas com nuances e significados diferentes, e isso os leva, em muitas situações a não aceitarem-se uns aos outros.

Como já referimos neste artigo, muitos ouvintes que não convivem com a comunidade surda, julgam que os surdos são incapazes, já que não ouvem. A comunidade surda é vista como um gueto, como um espaço da exclusão. Porém, os surdos a vêem como uma proteção, um local onde preferem viver cotidianamente. No entanto, há sujeitos surdos que não aceitam outros sujeitos surdos, e rejeitam o espaço da comunidade, do compartilhamento da língua de sinais. Nesses diferentes posicionamentos, os movimentos surdos também vivenciam o que poderíamos chamar de etnocentrismo surdo – “surdismo”? – em que a essencialização de um modelo surdo prescreve jeitos de ser e estar no mundo. Estabelece-se outro binarismo, que por muito tempo foi designado a partir das diferenciações Surdo (sujeitos identificados com a cultura surda, língua de sinais) e surdo (a identificação com a condição clínica-biológica em que muitos surdos estavam narrados e capturados). Gilmara Cecílio e Camilo Souza definem quem é o outro, quando se remete à relação entre sujeitos surdos:

Mas pensamos que se torna interessante observar – sem a intenção de se fazer qualquer julgamento moral – que não são somente grupos de sujeitos ouvintes

que se utilizam do conceito de “etnocentrismo” para definir o outro; os sujeitos surdos também o fazem, formando um conceito a respeito do outro, a partir de sua própria realidade e vivência. Explicando melhor, o surdo descreve, muitas vezes, a cultura surda como algo protegido por fronteiras muito bem delimitadas, não enquadrando dentro deste conceito outros posicionamentos identitários que podem estar combinados com a materialidade da surdez. (CECÍLIO;SOUZA, 2012)

Finalizamos este artigo sem a pretensão de esgotar a discussão. Apresentamos alguns usos dos conceitos audismo / ouvintismo, apostando em sua potencia como ferramenta analítica para entender a história do povo surdo: história essa que se mantém produzida em campos de luta por significação do ser surdo e suas implicações nas práticas cotidianas.

Referencias bibliográficas

BAHAN, Benjamin, BAUMAN H-Dirksen. *Audism Unveiled*. San Diogo / CA: Dawnsignpress, 2008. [DVD, 57 min].

CECÍLIO, Gilmara Mariana. SOUZA, Camilo Darse de. *Identidades transitantes: o desencaixe do deficiente auditivo nos discursos de/sobre surdos e ouvintes*. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/compar5.php>. Acesso 12/02/2012

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. DREYFUS, Hubert. RABINOW, Paul. *Michel Foucault - Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231 - 249 .

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HUMPHRIES, Tom. *Communicating across cultures (deaf-/hearing) and language learning*. Doctoral dissertation. Cincinnati, OH: Union Institute and University, 1977.

KLEIN, Madalena. *A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho*. Dissertação de Mestrado (Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação/PPGEDU, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 1999.

LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência. A comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1995.

PERLIN, Gládis. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Medição, 1998, p. 51 - 73.

PERLIN, Gládis. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós - Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gládis, STROBEL, Karin. *Fundamentos da educação de surdos* – Texto base do curso de licenciatura em Letras Libras, Florianópolis, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de, PERLIN, Gládis. O ouvinte o outro do outro surdo. In: II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. *Anais do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais*. Florianópolis: Fapeu-002, 2003. v.1. p.617 - of4.

REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira. *Implante Coclear na constituição dos sujeitos surdos*. Tese de Doutorado (Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?* São Paulo, Brasiliense: 1999.

SKLIAR, C. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Medição, 1997.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Medição, 1998.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In: *Cadernos de Educação* – Educação de Surdos / Faculdade de Educação – UFPel – Ano 19, n.36 (mai.-ago. 2010) – Pelotas: Ed. UFPel, 2010, p. 107 – 131.

WRIGLEY, Owen. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.